

Núcleo de *Integração*

Prática Orientada: planejamento na escola II



A IMPORTÂNCIA DO PLANEJAMENTO NA ESCOLA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Clélio Campolina Diniz
Reitor

Rocksane de Carvalho Norton
Vice-Reitora

Pró-Reitoria de Graduação

Antônia Vitória Soares Aranha
Pró-Reitora

André Luiz dos Santos Cabral
Pró-Reitor Adjunto

Fernando Selmar Rocha Fidalgo
Coordenador do Centro de Apoio à Educação a Distância

Ione Maria Ferreira de Oliveira
Coordenadora da UAB UFMG

Faculdade de Educação

Samira Zaidan
Diretora

Antônio Júlio de Menezes Neto
Vice-Diretor

Curso de Pedagogia UAB-UFMG

Ângela Imaculada Loureiro de Freitas Dalben
Coordenadora Geral

Tânia Margarida Lima Costa
Vice-Coordenadora Geral

Sérgio Dias Cirino
Coordenador do Eixo Integrador



Ceris Salete Ribas da Silva

A IMPORTÂNCIA DO PLANEJAMENTO NA ESCOLA

**Ângela Imaculada Loureiro de Freitas Dalben
Tânia Margarida Lima Costa
(organizadoras)**

**Belo Horizonte
CURSO DE PEDAGOGIA UAB UFMG
FAE/UFMG
2011**

ORGANIZADORAS Ângela Imaculada Loureiro de Freitas Dalben
Tânia Margarida Lima Costa

ASSESSORA PEDAGÓGICA Elza Vidal de Castro

REVISORA Maria Ribeiro dos Santos

PRODUTOR EDITORIAL Marcos Alves
Projeto Gráfico, Diagramação e Capa

© 2011, Os autores e organizadores

© 2011, Curso de Pedagogia UAB UFMG

Este livro ou parte dele não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização escrita do editor.

Ficha Catalográfica

S586p Silva, Ceris Salete Ribas da.
Prática orientada : planejamento na escola II / Ceris Salete Ribas da Silva ; Ângela Imaculada Loureiro de Freitas Dalben, Tânia Margarida Lima Costa (organizadoras) – Belo Horizonte : UFMG, Faculdade de Educação, 2011.
38 p. : il. -- (Núcleo de Integração)

Obra produzida para o curso de Pedagogia da Universidade Aberta da UFMG.
Inclui bibliografia.
ISBN: 978-85-8007-030-9

1. Educação. 2. Planejamento educacional. I. Dalben, Ângela Imaculada Loureiro de Freitas. II. Costa, Tânia Margarida Lima. III. Título. IV. Série.

CDD: 370
CDU: 37

Elaborada pela DITTI – Setor de Tratamento da Informação
Biblioteca Universitária da UFMG

FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
Curso de Pedagogia UAB UFMG
Av. Antônio Carlos, 6627 - Pampulha
31270-901 - Belo Horizonte-MG
Tel. 31 3409-7477

A IMPORTÂNCIA DO PLANEJAMENTO NA ESCOLA



AUTORAS

Ceris Salete Ribas da Silva

Possui graduação em Pedagogia pelo Instituto de Educação de Minas Gerais (1982), graduação em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1983), mestrado e doutorado em Educação - Pós-graduação da Faculdade de Educação da UFMG (1995)(2003). Atualmente é professora adjunta da Universidade Federal de Minas Gerais e pesquisadora do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita - Ceale. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Formação de professores, atuando principalmente nos seguintes temas: alfabetização e letramento, formação de professores, ensino e aprendizagem, políticas educacionais e livros didáticos de alfabetização.



EMENTA

Função e importância da ação de planejar o trabalho pedagógico. O papel da organização coletiva da escola na elaboração e no desenvolvimento do planejamento pedagógico; os procedimentos didáticos da ação de planejar o trabalho cotidiano; participação da família na elaboração e no desenvolvimento do planejamento pedagógico.



● ● ● ● ● SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
Prática orientada 1	10
 1. PLANEJAMENTO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA	13
1.1 Planejar é uma ação que estrutura e organiza o trabalho docente .	15
1.2 Planejar envolve diferentes dimensões	16
1.3 Prática orientada 2	18
 2. A DIMENSÃO COLETIVA DO PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO	21
2.1 A importância das condições de trabalho para planejar a prática pedagógica	22
2.2 A importância da semana de diagnóstico e de recepção das crianças .	24
2.2.1 criar condições para a re-elaboração do planejamento	24
2.2.2 decisões sobre a organização do trabalho cotidiano	24
2.3 Prática orientada 3	26
 3. A PARTICIPAÇÃO DAS FAMÍLIAS NO PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO DA ESCOLA	28
 4. CONCLUSÃO	32
4.1 Prática orientada 4	32
 5. REFERÊNCIAS	35
 ESTUDO COMPLEMENTAR	37



INTRODUÇÃO

No texto anterior, vimos que a Disciplina Práticas Pedagógicas Orientadas tem como principal objetivo apresentar uma proposta de formação que busca articular a teoria e a prática: de um lado, o modo pelo qual compreendemos a prática de ensino e aprendizagem; de outro, a maneira pela qual essa prática pode ser desenvolvida em sala de aula. No desenvolvimento desse processo de formação profissional procuraremos possibilitar que o aluno de graduação reflita sistematicamente sobre as experiências que vivencia nas escolas em que realiza seu estágio curricular obrigatório, analise-as à luz da teoria e dos problemas práticos que identifica no cotidiano da sala de aula¹.

Este texto tem por objetivo discutir os aspectos que envolvem a organização e desenvolvimento do planejamento do curso no interior da escola. Esse tema já foi abordado em outros textos da coleção Veredas nos quais encontram-se as principais ideias e contribuições sobre a organização do trabalho pedagógico. Certamente, tais informações serão importantes para o aprofundamento dos eixos que apresentaremos neste texto.

Por isso, nesse texto, trabalharemos o tema do planejamento que é realizado pelos profissionais que atuam em escolas públicas do país. Desse modo, algumas questões importantes que envolvem a organização e desenvolvimento do planejamento na escola, orientarão nossa reflexão: como os profissionais que atuam na escola (professores, coordenação pedagógica, direção, entre outros) planejam o trabalho anual? Quais são os critérios que o professor utiliza para organizar e desenvolver o planejamento diário? A ação de planejar o trabalho é uma ação autônoma e frequente nas práticas das escolas? De que forma a escola envolve os alunos e seus familiares na organização do planejamento?

Releia os seguintes textos:

- Módulo 5, v 1 (Planejamento em Educação - Ana Lucia Amaral);-Módulo 6, volumes 1 e 2 (O papel do professor no planejamento pedagógico e proposições de situações de aprendizagem significativa- de Lucia Helena Alvarez Leite; Planejamento de ensino: objetivos, métodos e técnicas- de Ana Lúcia Amaral.

Para responder a essas questões abordaremos ao longo deste texto, os seguintes pontos:

- as dimensões coletivas e individuais presentes na ação de planejar a prática pedagógica;
- a definição de metas e meios na organização do planejamento;
- a importância da participação das famílias na elaboração e desenvolvimento do planejamento pedagógico.

¹ O objetivo desta disciplina é apresentar uma proposta de formação do professor que articule teoria e prática. O que significa compreender a prática de ensino e aprendizagem e a maneira pela qual ela pode ser desenvolvida em sala de aula. O objetivo do presente artigo é possibilitar ao aluno de graduação refletir sobre as experiências vivenciadas durante o estágio curricular e analisa-las à luz da Teoria associada à prática.

Inicialmente, investigaremos a importância dada pela escola à ação de planejar a prática pedagógica. Na segunda parte, abordaremos alguns aspectos relacionados à organização e ao desenvolvimento do planejamento na sala de aula. Finalmente, refletiremos nas formas de participação das famílias na organização e no desenvolvimento do planejamento desenvolvido nas escolas. Acreditamos que a reflexão desses aspectos poderá trazer novos elementos para a compreensão da complexidade da realidade do trabalho na escola e das competências necessárias ao aluno ao longo da formação para o exercício da profissão de educador. A partir desses eixos de estudo, pretendemos desenvolver os seguintes objetivos específicos:

- 1- Refletir sobre as condições de trabalho na escola para a realização do planejamento;
- 2- Analisar e compreender o papel da organização coletiva da escola na elaboração e no desenvolvimento do planejamento pedagógico;
- 3- Investigar as formas de participação da família na elaboração e no desenvolvimento do planejamento pedagógico.

Antes, porém, de iniciar o estudo, apresentaremos, a seguir, algumas orientações sobre um importante procedimento de registro que o aluno deverá utilizar durante as atividades de estágio a ser desenvolvido nas escolas. Referimo-nos à necessidade de utilização de um o diário de campo como instrumento de registro das informações coletadas as quais servirão de base para as análises e reflexões posteriores. No decorrer deste texto, proporemos algumas atividades de investigação que exigirão informações sobre as práticas das escolas. Por isso, é importante definirmos aqui a forma mais adequada para realização desses registros.

PRÁTICA ORIENTADA 1

Planejando a ida à escola

O Diário de Campo é um caderno que deverá ser utilizado para anotações de dados, como descrição das práticas pedagógicas observadas na escola. Esse caderno reunirá informações ou dados obtidos por meios variados (por exemplo, observações, entrevistas, fotografias) e acontecimentos que ocorrem no cotidiano da sala de aula, relativos aos temas propostos nas Práticas Pedagógicas Orientadas. As anotações feitas no Diário de Campo poderão, no momento apropriado, ser confrontadas, comparadas entre si (analisar diferenças e aspectos comuns do que foi observado em vários dias) ou entre informações obtidas por meio de outros procedimentos de coleta de dados (por exemplo, entrevistas, fotografias, materiais didáticos e/ou cadernos xerocopiados). A análise desse conjunto de informações permitirá a identificação de aspectos que caracterizam as práticas escolares, bem como uma rica reflexão sobre as diversas temáticas estudadas.

O registro feito no Diário de Campo será um recurso importante no processo de formação, pois, além de possibilitar a reconstrução daquilo que foi observado sua análise permite-

nos também, analisar o ponto de vista do autor desses registros. Portanto, esse caderno, de certa maneira, expressa aquilo que se tornou significativo para o pesquisador: opiniões, julgamentos, valores, dúvidas e indagações, relações estabelecidas entre as práticas observadas na escola e as teorias estudadas. Dessa forma, o Diário de Campo comporta notas *descritivas* e *interpretativas*. As notas descritivas podem ser definidas como aquelas que registram, com o máximo de detalhes possível, o que foi observado. Por exemplo: quem fez ou disse o quê, para quem, onde, quando, com que consequências? Ou ainda, registrar as atividades que foram desenvolvidas em sala de aula. O autor delas,,quando ocorreram, quais eram os materiais escritos disponíveis aos alunos. Ao *descrever*, buscamos registrar detalhes que permitem a quem não observou a situação descrita reconstituir, imaginar a cena observada. As notas *interpretativas* são aquelas que trazem comentários sobre o que foi observado, o que nos fez pensar de determinada forma, o que vimos, ou a que se pode estar relacionado.

Por fim, ressaltamos: distinguir notas descritivas das interpretativas é importante, entre outras ações, porque nos permite, por um lado, produzir notas que reconstituam, em detalhes, a cena observada, e, por outro, analisar, criticamente, o nosso próprio ponto de vista. Por conseguinte, fazer notas descritivas e interpretativas é uma tarefa que precisa ser exercitada, analisada e aprendida. Sugerimos que essas notas sejam descritas em duas colunas, como no exemplo a seguir:

Horário	Notas descritivas	Notas interpretativas
	<i>Duas crianças estão lendo assentadas no chão perto do Cantinho de Leitura.</i>	<i>A turma parece ser bem autônoma. As crianças estão realmente envolvidas em suas atividades e cada uma delas, ocupada com o material de leitura de sua escola. Eu não estou acostumada a ver</i>
	<i>Quatorze alunos estão lendo, em suas carteiras individuais, livros retirados no dia anterior na biblioteca.</i>	<i>alunos divididos em grupos para realizarem tarefas diferenciadas.</i>
	<i>A professora está reunida com 10 alunos que estão em pé em frente a sua mesa. Eles conversam sobre como irão se organizar para fazerem a troca de livros entre si.</i>	<i>Como a professora e os alunos estabeleceram essa dinâmica de trabalho? O que levaria a professora a organizar a turma dessa forma? Seria a diferença no patamar de aprendizagem da leitura entre crianças? Da próxima vez que conversar com ela, pedirei para que ela fale sobre essas questões.</i>

Figura 1. Registro dos dados coletados na sala de aula do Primeiro Ciclo da professora xxx em 21.9.03

O diário deve conter uma cronologia que indica datas, horas e lugares onde acontecem as cenas e as histórias relatadas. Trata-se de relatar situações e encenações de diferentes atores que interagem entre eles e com os outros grupos. O caderno pode conter não só descrições de observações, simples relatos de acontecimentos, impressões e confissões, mas também comentários, análises, sínteses. Esses dados podem traduzir a compreensão do que ocorre e por que o fato acontece de determinada forma, além dos pontos de vista dos outros atores, suas perspectivas, suas definições das situações vividas, etc.

Em resumo, devem ser anotados no Diário de Campo, os seguintes dados:

- data, o local (a escola), o ano de escolaridade dos alunos e o horário de sua permanência nesse local;
- tema de estudo proposto nas Práticas Pedagógicas Orientadas;
- ao final de cada unidade de estudo, se possível, a comparação entre as anotações do pesquisador e as do parceiro com o qual a atividade é realizada. Os dados devem ser analisados e seguidos de uma síntese das conclusões.

1. PLANEJAMENTO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

O planejamento prática de ensino e aprendizagem é uma ação fundamental para a organização do trabalho, pois permite situar, no espaço (escola/sala de aula) e no tempo (ano letivo/dia a dia), as intenções e as atividades pretendidas. Para Schön (1983), quando um profissional planeja suas ações, passa a dialogar com as situações em que atua e, por isso, pode refletir sobre sua prática. Isso é possível quando o planejamento assume a função de definir estratégias de ação, dando uma noção mais objetiva sobre como deverão ser desenvolvidas. O profissional que planeja é um profissional que age guiado por princípios, que define metas e elabora estratégias para alcançá-las.

Segundo Sacristán (1998), no ensino, como em algumas profissões, há uma intencionalidade, pois o educador persegue certos ideais de formação que dependem, para serem realizados, do apoio de conhecimentos sobre o funcionamento da realidade na qual ele intervém. Assim, como uma ação intencional, o ensino necessita de lógica e organização para ser desenvolvido. Sacristán nos alerta, contudo, que embora a ação de planejar seja orientada e necessária, não significa que ela possa ser determinada previamente em todos os seus detalhes. Essa limitação sobre o controle do planejamento ocorre porque uma das características próprias da profissão docente é o fato de sempre nos defrontarmos com situações inusitadas na sala de aula que exigirão a definição de novas formas de intervenção, já que não são passíveis de serem presumidas antecipadamente. Assim, a experiência acumulada pelos profissionais torna-se importante referência e facilita a ação de planejar o trabalho. Entretanto, não podemos desconsiderar as singularidades das situações que provavelmente enfrentaremos ao longo do ano letivo. Essas situações sempre exigirão de nós respostas novas, particulares, próprias de cada realidade. Por essas características, a profissão docente pode ser considerada uma atividade que só se realiza por meio do planejamento uma vez que se situa entre o conhecer e o agir.

O planejamento do trabalho em sala de aula é, portanto, uma dimensão fundamental do trabalho pedagógico, porque permite, aos professores e à escola, controlar os *resultados* desse trabalho, controlar a consecução das *finalidades* desse trabalho.

Na escola, o planejamento é uma exigência colocada a todos os profissionais e para ser realizado exige a participação de todos eles. Diversos os profissionais envolvem-se na formação dos alunos e, em cada escola, dependendo da forma de organização adotada, essa participação pode ser mais flexível ou fechada. Geralmente, o processo de planejamento envolve a figura de uma coordenação pedagógica como condutora desse processo. Nessa medida, é importante verificarmos se a forma de organização adotada por cada escola possibilita ou não a todos participarem das

decisões sobre o trabalho que deverá ser desenvolvido ao longo de cada ano efetivo. Isso significa que devemos analisar os modelos de divisão do trabalho adotados pelas escolas: quem planeja?; como o planejamento chega aos professores?; a ação de planejar é desvinculada da execução?; quais são as condições definidas para o seu desenvolvimento?

A propósito, a divisão de funções na escola é visível quando se executa a ação de planejar. Podemos perceber então o grau diferente de controle sobre as práticas realizadas pelos professores o que nos possibilita conhecer as finalidades dessa ação e papéis a ela atribuídos. Ante a complexidade da realidade encontrada nas escolas, procuramos investigar como alguns profissionais descrevem o contexto de seu trabalho quando o tema é o planejamento pedagógico. Apresentaremos, então, a seguir, finalizando este tópico, alguns depoimentos de professoras sobre o planejamento de suas atividades diárias de sala de aula. Esses dados foram coletados durante a realização de cursos de formação continuada na área da alfabetização, cujo tema principal era o planejamento. Discutimos as diferentes posições sobre planejamento entre os educadores. Embora esses depoimentos não representem a realidade de todas as escolas, possibilitam-nos refletir sobre alguns desafios que fazem parte da ação de planejar o trabalho escolar:

- *“Na minha escola o planejamento é feito pela coordenação pedagógica e todas as turmas da mesma série têm que realizar o mesmo trabalho. Gosto de cumprir tudo que está planejado, para isso organizo as atividades com antecedência, gosto de variar os materiais didáticos, utilizo muitas ilustrações (os meninos adoram) gosto de enfeitar e organizar a sala”.*
- *“Eu acho que dá para trabalhar sem fazer um planejamento diário, basta prever quais conteúdos serão ensinados em cada período do ano letivo e ir retirando atividades de vários livros didáticos. Na escola tenho autonomia para definir o que deve ser feito em sala de aula”.*
- *Eu sou alfabetizadora de escola pública há muitos anos e planejo meu trabalho apoiada naquilo que dá certo com os meus alunos. Não sou de seguir modismo, pois sempre uso o método de alfabetização silábico para alfabetizar alunos de escolas da periferia. Já conheço as atividades, sei que dão certo e sigo a cartilha do jeitinho que tem de ser.*
- *“Nos últimos anos eu sempre trabalho com os alunos da mesma idade na minha escola. Isso ajuda bastante, pois aproveito as experiências que foram bem sucedidas no ano anterior para incorporar no meu novo trabalho. Tenho um repertório de atividades que vou guardando e utilizando”.*
- *Esse ano, pela primeira vez, eu fui trabalhar com os alunos de sete anos e fiquei totalmente perdida. A solução foi a de pedir ajuda para os colegas para me passarem algumas atividades apropriadas para esse tipo de turma de alunos. Eu fico muito insegura, pois não sei o que fazer para os alunos avançarem e o que devo ensinar quando apresentam dificuldades. Fico pedindo, o tempo todo, ajuda para as minhas colegas mais experientes”*

Atividade 1

- a) Em quais depoimentos é possível identificar a intervenção de outros profissionais na definição do planejamento. Compare essas ações e reflita se elas contribuem, de forma positiva ou negativa, para a elaboração e desenvolvimento do planejamento.
- b) Que tipo de tensões e conflitos os professores enfrentam para planejar seu trabalho?

1.1 PLANEJAR É UMA AÇÃO QUE ESTRUTURA E ORGANIZA O TRABALHO DOCENTE

Uma comparação entre os depoimentos das professoras apresentadas anteriormente mostra-nos que elas, de formas diferentes, se preocupam em prever e organizar as atividades que desenvolverão no dia a dia da sala de aula. Contudo, quando cada uma delas descreve suas ações, percebemos que não há um único modo de enfrentar esse desafio e que suas decisões representam diferentes formas de pensar e conceber a prática pedagógica. Seus relatos também revelam como diferentes fatores interferem na ação de planejar: a organização da escola, as condições de trabalho, a força das tradições de certos materiais didáticos, a experiência acumulada na profissão ou no trabalho com turmas de alunos de determinada faixa etária.

Nessas circunstâncias, cabe-nos refletir, ainda, se, ao adotarem diferentes posturas e procedimentos diante da ação de planejar o trabalho pedagógico, algumas professoras desenvolvem práticas espontaneístas ou improvisadas que podem ter efeitos negativos na aprendizagem de seus alunos. Por isso, consideramos que, na profissão de docente, não há como prescindir da ação do planejamento; por outro lado, devemos qualificar, de forma adequada, essa ação. O planejamento do trabalho em sala de aula é uma dimensão fundamental do exercício pedagógico, porque permite aos professores e à escola controlar os *resultados* e a consecução das *finalidades* desse trabalho.

Ressaltamos, ainda, que é por meio da elaboração do planejamento, de seu desenvolvimento e de sua avaliação, que a escola afirma a sua *autonomia* e o seu *saber* específico. Ao planejar, ela controla os fins de seu trabalho, define os meios para alcançar esses fins, estabelece instrumentos para sua autoavaliação, redefine, com base na avaliação, suas metas e meios. Todavia, se a escola e os professores abrem mão do planejamento, abrem mão de sua autonomia, de seu saber, do controle de seu trabalho. Abrem mão até da possibilidade de desenvolvimento de sua formação, pois é planejando, executando e avaliando que a escola e os docentes geram um contexto de ampliação do saber que se dá mediante o estudo, a elaboração de novas estratégias de análise e reflexão sobre problemas encontrados.

Repetimos, pois, o planejamento é, desse modo, o principal instrumento por meio do qual a escola e os professores asseguram o controle *autônomo* de seu trabalho. Não se trata de mera formalidade, não pode se restringir a um método de ensino ou a um livro didático por melhores que sejam. Não pode tampouco ser delegado a outro profissional. Também não pode ser resultado de uma ação apressada, repetindo-se, da mesma forma, a cada ano letivo. Um professor que copia as atividades realizadas pelos seus colegas

desconsidera as necessidades de aprendizagem que são específicas de sua turma de alunos. Um professor que não planeja sua prática deixa de ser professor.

Além disso, o planejamento é também imprescindível, pois somente um trabalho pedagógico planejado e sistemático terá efeitos (e efeitos permanentes) sobre o aluno. Conforme já assinalamos em outras linhas, o desenvolvimento da ação pedagógica² ocorre por meio de um conjunto de procedimentos didáticos que caracterizam, de forma particular, esse fazer pedagógico. Isso significa que a ação pedagógica ocorre na seguinte situação: na continuidade entre uma aula e outra; na definição de determinada progressão dos conhecimentos que serão ensinados; na transmissão dos conhecimentos complexos para o aluno antes daqueles menos complexos. Por conseguinte, é importante conhecermos os conhecimentos prévios que os alunos possuem para ajudá-los a dominar aqueles que são mais distantes. Em outras palavras, uma prática de ensino assistemática é pouco favorável ao aprendizado do aluno, pois é o planejamento que assegura a essa prática um caráter sistemático.

Atividade 2

Releia novamente os depoimentos dos professores apresentados no início desta seção do texto e reflita como a atividade de planejar não é uma tarefa simples.

1.2 PLANEJAR ENVOLVE DIFERENTES DIMENSÕES

Os professores, em seus depoimentos, apresentaram não só as suas estratégias de ensino, mas também descrevem suas dificuldades e como dependem de outros profissionais para elaborar e desenvolver o planejamento em sala de aula. Apoiados nesses depoimentos, podemos concluir, por exemplo, que o planejamento possui dimensões coletivas e individuais, bem como dimensões escolares e não-escolares, que devem ser sempre articuladas. Contudo, devemos refletir como essas dimensões podem auxiliar, de forma positiva, no desenvolvimento de uma prática pedagógica propositiva aos interesses e necessidades de aprendizagem dos alunos.

Assim, quando um professor planeja seu trabalho, ele se baseia muito, em suas próprias expectativas em relação ao ensino, bem como nas possibilidades de atuar conforme seu estilo, suas preferências e seus conhecimentos. Aliás, muitos professores apontaram, nos depoimentos apresentados no item anterior seus estilos de atuação quando descreveram certas preferências para organizar seus alunos, para decorar sua sala de aula, para selecionar atividades e administrar o tempo. Outros apresentaram, por exemplo, formas de atuar apoiadas na tradição do trabalho de alfabetização, que são orientadas pelos princípios de determinado método de alfabetização. Esses estilos de atuação apareceram nas seguintes afirmações deles: “...retiro as atividades do livro didático”; “..aproveito

² O primeiro texto apresentado (Práticas Pedagógicas Orientadas) aborda de forma mais aprofundada todos esses aspectos.

todas as atividades desenvolvidas no trabalho do ano anterior”; “... gosto de variar o material didático e utilizar ilustrações”.

Esses depoimentos evidenciam a dimensão subjetiva da prática de ensino, revelando que os princípios que orientam a prática desses professores são também fundamentados em suas experiências e vivências profissionais. Além disso, podemos reconhecer, nesses relatos, a inscrição de característica dos processos implementados em sala de aula.

Também é comum alguns professores exporem que o sucesso de suas práticas não se apóia em metodologias, mas, sim, no tipo de relação que estabelecem com seus alunos. Assim, sempre procuram valorizar a capacidade de aprendizagem criando um ambiente de cooperação entre as crianças.

Diante do exposto, diríamos que reconhecer as características individuais do trabalho docente deve ser o primeiro passo para compreender a ação pedagógica e, então, propor práticas alternativas para a sua ampliação ou reformulação. Uma estratégia que contribui para isso é reconstituir com os professores, as formas de agir deles usadas em sala de aula, identificando suas principais expectativas em relação ao ensino e à aprendizagem de seus alunos às suas experiências com turmas de alunos que vão sendo moldadas ao longo do tempo.

Mas, essas expectativas em relação ao ensino e possibilidades de trabalho individuais, porém, precisam sempre estar integradas e articuladas com fatores de ordem social da comunidade. Alguns desses fatores têm a ver com necessidades de prática escolar como: o trabalho, em cada turma, deve alcançar resultados semelhantes; o trabalho, em cada série e ciclo, deve gerar condições para o desenvolvimento do aluno na série ou ciclo seguinte. Quanto aos fatores de ordem coletiva, têm a ver com aspectos não-escolares. Referem-se às expectativas dos pais, dos alunos, da comunidade, dos diferentes grupos sociais que buscam, legitimamente, influenciar na definição das finalidades da escola e de seu trabalho.

Diante desses esclarecimentos, um dos desafios a ser enfrentado no processo de planejamento dos trabalhos desenvolvidos em sala de aula é articular a dimensão individual e a dimensão coletiva e institucional. Assim, as possibilidades individuais de trabalho precisam sempre estar integradas e articuladas com fatores de ordem social e coletiva de cada escola.

Essa discussão nos mostra que a organização do planejamento não pode ser considerada como uma mera formalidade técnica e burocrática, que se organiza em uma lista ordenada de atividades. O planejamento também não pode ser substituído pela escolha de um método de ensino, por apostilas que estão na moda ou por um livro didático, por mais bem-sucedidas que sejam as experiências dos professores com esses recursos. Esses elementos integram o planejamento contemplando algumas dimensões do processo educativo. Ao planejar, os profissionais da escola precisam ainda prever e articular outras dimensões, a saber: a relação entre as diversas disciplinas a serem trabalhadas, a

definição da dinâmica dos trabalhos, os desdobramentos das atividades desenvolvidas no cotidiano da sala de aula e a natureza das avaliações a serem implementadas.

Além desses aspectos, os professores precisam saber administrar as expectativas dos próprios alunos (que podem variar conforme as formas de enturmação adotadas nas escolas, as marcas deixadas pela trajetória escolar de sucesso ou fracasso e as suas diferenças sócio culturais), dos familiares, dos diferentes grupos sociais que buscam, legitimamente, influenciar na definição das finalidades da escola e de seu trabalho em uma determinada comunidade. Portanto, embora necessário e importante, planejar não é uma ação simples de ser realizada: depende tanto da competência do professor quanto das condições de trabalho que ele encontra na escola em que atua.

Atividade 3

Leia o texto Bases Pedagógicas do Trabalho Escolar, elaborado pela professora Ana Lúcia Amaral, e faça uma relação entre o planejamento do projeto pedagógico da escola em estudo com a organização do planejamento realizado no âmbito da sala de aula. Se possível, discuta suas conclusões com um colega.

Síntese das ideias apresentadas na Seção 1

Planejamento é importante porque, por meio dele, a escola:

- controla os resultados de seu trabalho;
- afirma sua autonomia e seu saber específico;
- assegura o desenvolvimento de formação e aperfeiçoamento dos professores;
- atribui a seu trabalho um caráter sistemático.

1.3 PRÁTICA ORIENTADA 2

Observação da prática de sala de aula

Todo professor cria expectativas em relação ao desempenho de seus alunos. Para saber quais são essas expectativas e como elas refletem na organização e desenvolvimento do planejamento pedagógico, faça a seguinte investigação:

- Durante um dia de aula, preste atenção no modo pelo qual, ao longo da aula, o professor se relaciona com os seus alunos: a quais ele tende dar a palavra, a quem pede respostas e opiniões? Observe: de que forma o professor costuma dar reforço positivo a seus alunos? A quais alunos ele se dirige com mais frequência durante as suas aulas? Como fala com eles? Com que alunos o professor se irrita muito facilmente? Quais as características sociais, culturais e linguísticas dos alunos que são mais ou menos valorizados?
- Faça uma lista com os nomes de todos os alunos e converse com o professor pedindo-lhe que indique quais sairão bem na aprendizagem da Língua

Portuguesa e os que (supõe) se sairão mal. Depois peça a ele que diga algumas características de cada um deles para justificar a opinião dada.

- Analise o que há em comum entre os alunos que o professor considera que terão sucesso na aprendizagem de Língua Portuguesa e os que acha que fracassarão.
- Observe a sala dos professores ou o Conselho de Classe; tome nota – de que alunos os professores da escola costumam reclamar? Por quê? Depois pesquise: o que tem sido feito, na escola, para ajudar esses alunos?

Apresentamos, a seguir, um texto que poderá auxiliá-lo a analisar o perfil do professor da sala de aula na qual se realizou a atividade orientada proposta acima. O texto foi retirado da Coleção Orientações para a organização do Ciclo Inicial de Alfabetização, do volume que aborda o tema do planejamento, material produzido pelo CEALE, no ano de 2003.

Há diferentes pesquisas que procuram traçar o perfil de um bom professor, alfabetizador ou não. Trata-se de investigações que buscam explicar o que se denomina efeito-professor, quer dizer, os fatores, ligados à atuação e a características de docentes, que explicam diferenças de rendimento entre turmas parecidas. Alguns dos fatores e características encontrados por essas investigações são apresentados abaixo:

- *A coerência: os conteúdos que o professor ensinou correspondem às aquisições que são avaliadas e ao tempo de aprendizagem que foi dedicado ao ensino.*
- *O tempo: mesmo com um planejamento definido, o professor tem uma margem de liberdade na gestão de sua agenda diária e pode, de acordo com a importância das aprendizagens, dedicar (e fazer com o que aluno dedique), mais ou menos tempo que aquele previsto a uma ou outra matéria.*
- *A quantidade de respostas corretas às questões colocadas pelo professor: o índice de sucesso dos alunos afeta positivamente as aprendizagens e as atitudes dos alunos. Os alunos jovens e mais fracos parecem particularmente sensíveis às taxas de sucesso de suas respostas, que podem afetar a imagem que eles têm de si mesmos.*
- *As expectativas dos professores: as expectativas dos professores exercem, em grau importante, efeitos sobre as aquisições de seus alunos. Por exemplo, caso o professor não modifique suas expectativas em relação ao aluno que, inicialmente, foi julgado como “fraco”, mesmo que existam indicadores de evolução de êxito desse aluno, esse professor pode levá-lo a se conformar com seu julgamento inicial.*
- *O feedback: essa expressão é usada para mostrar o efeito no aluno de uma mensagem dada pelo professor, no caso, os elogios e as críticas. A eficácia dos elogios do professor ao aluno depende de três fatores: sua ocorrência (só têm efeito positivo se intervêm em seguida a uma resposta exata); sua frequência (só exercem efeito se eles não são muito frequentes); sua qualidade (os elogios devem conduzir o aluno a atribuir sua ocorrência a seus próprios esforços e capacidades pessoais). As críticas dirigidas pelo professor aos alunos provavelmente têm efeito negativo.*

- *As atividades estruturadas e não assistemáticas: as informações devem ser passadas aos alunos em pequenas etapas e devem ser revistas, resumidas e sintetizadas; novas aprendizagens são facilitadas quando as velhas são diretamente acessíveis ou automáticas. Daí a importância de o professor promover um ensino diretivo que guie os alunos em suas aquisições, que tenha uma clareza da exposição e faça muitas perguntas durante o exercício dirigido.*
- *Ensino frontal: as pesquisas não confirmam a vantagem que parece ter o ensino em grupo e individual sobre o ensino frontal, baseado na interação entre o professor e o conjunto da turma.*

Um balanço das pesquisas sobre o “efeito-professor” é feito por Pascal Bressoux, no artigo “As Pesquisas sobre o efeito-escola e o efeito-professor” (Educação em Revista, n. 38, p. 17-88, dez. 2003). A síntese que apresentamos aqui foi feita pela professora Eugênia Cristina Silva, em seu projeto de Mestrado: “Fatores que contribuem para o sucesso na alfabetização; o professor alfabetizador bem sucedido: o que ele faz?” (Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação Conhecimento e Inclusão Social; Faculdade de Educação da UFMG, 2005).

2. A DIMENSÃO COLETIVA DO PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO

Iniciamos este tópico com a seguinte pergunta: quem decide o planejamento na escola? Essa questão é importante para a análise da prática de sala de aula. É importante porque nos possibilita refletir sobre a natureza das ações que são realizadas na sala de aula bem como verificar se o profissional que as realiza tem alguma autonomia sobre elas. Se planejar a prática pedagógica é lhe dar forma e orientação ao mesmo tempo que lhe dota de sentido, e se diferentes profissionais estão envolvidos nessa ação, naturalmente podemos falar do envolvimento de diferentes agentes na sua definição e desenvolvimento.

Sendo a escola, ma instituição na qual atuam diferentes profissionais, evidentemente, o planejamento de prática pedagógica não pode ser atribuição exclusiva dos professores. As decisões sobre o projeto de formação dos alunos envolvem responsabilidades e instrumentos que escapam as decisões dos docentes. Embora o planejamento das atividades cotidianas sejam também resultados de decisões dos docentes, essas decisões, geralmente, estão submetidas ao projeto pedagógico da escola e, mais precisamente, às diretrizes definidas para cada seguimento do ensino. Nesse sentido, vale lembrar o depoimento de uma professora do ensino fundamental relatando sua inserção numa escola pública e como esse processo foi mediado pela discussão sobre o planejamento a ser desenvolvido.

“Cheguei para trabalhar na minha escola no mês de março de 2008, ou seja, um mês depois do início do ano letivo. Ao chegar, a professora substituta, que estava trabalhando na turma que eu iria assumir, pediu-me que a acompanhasse até a sala de aula para que pudesse apresentar-me aos alunos. Lá chegando, mostrou-me um armário no fundo da sala com alguns materiais (folhas de xerox e livros didáticos adotados para os alunos, além de exemplares de outros livros) e, em seguida, deu-me a chave dizendo que lá já havia muito material xerocado (atividades didáticas) para eu dar as aulas para aquela turma. Disse-me também que, se precisasse de ajuda, deveria recorrer à coordenação pedagógica.

Logo após nossa conversa, fui à procura da coordenação pedagógica da escola, que desejou-me boas vindas e disse-me que eu ficaria responsável pelas aulas de Geografia, História, Artes e Educação Física, mas (para minha surpresa) atuaria em três turmas de 4ª série (2º ano/2º ciclo). A supervisora, em seguida, perguntou-me quais foram os materiais que a professora substituta havia me passado. Depois, entregou-me o horário das aulas, falou um pouco sobre a organização da escola e prometeu que, em outro momento, iria entregar-me as orientações pedagógicas, já definidas nas reuniões realizadas no início do ano com todos os professores.

Quando perguntei sobre os conteúdos que deveriam ser trabalhados naquela etapa do ano letivo, entregaram-me as proposições curriculares da Secretaria Municipal de

Educação de BH³ e disseram que eu deveria fazer meus planejamentos seguindo essas diretrizes. Nesse momento, ao folhear o documento oficial, compreendi que deveria trabalhar com assuntos da Geografia e da História, todos relacionados ao contexto do Brasil, já que, no ano anterior, foram trabalhados os aspectos relacionados ao Estado de Minas Gerais. Também fui informada de que, uma vez por semana, deveria reunir-me com a coordenadora pedagógica e com a professora da 3ª série para, juntas, organizarmos o planejamento do dia-a-dia da sala de aula..

Contudo, nesse primeiro encontro, nos foi solicitado apenas que fizéssemos uma leitura das proposições curriculares apresentadas no documento da Secretaria de Educação Municipal, a fim de compreendê-lo melhor. Na verdade, elaborei meu planejamento pedagógico sozinha, utilizando a seguinte estratégia: fiz um pequeno resumo do que deveria ser contemplado em cada etapa do ciclo e, a partir dessas informações, fiz uma análise de todas as atividades que recebera da professora substituta no primeiro dia que cheguei à escola. Em seguida, seguindo as proposições curriculares da secretaria de educação, elaborei uma lista de conteúdos a serem ensinados em cada uma dessas disciplinas, que foi apresentada à coordenação pedagógica da escola.

Atualmente, faço o planejamento de meu trabalho com a colaboração de uma professora que atua na mesma turma. Procuramos seguir as orientações do documento sobre as orientações curriculares. Contudo, percebo que muitos professores da escola não têm acesso ou fazem pouco uso das orientações propostas nesse documento oficial. Cada professora vai seguindo seu trabalho apoiada, principalmente, em suas experiências.” (Informação verbal)⁴

Atividade 4

Todas as questões abaixo referem-se ao texto acima.

- 1- Como são estabelecidas as relações entre a coordenação pedagógica e a professora para a elaboração do planejamento?
- 2- Como o planejamento pedagógico é definido na escola da professora Marinilda?
- 3- Quais são os profissionais envolvidos na elaboração do planejamento da turma da professora? Como você analisa a participação desses profissionais?

2.1 A IMPORTÂNCIA DAS CONDIÇÕES DE TRABALHO PARA PLANEJAR A PRÁTICA PEDAGÓGICA

A ação de planejar a prática pedagógica exige *condições* para ser realizada. Essa é a segunda razão pela qual muitos professores e escolas deixam de elaborar seu

³ As Proposições Curriculares referem-se aos conhecimentos a serem ensinados, aos procedimentos pedagógicos e às habilidades desejáveis em cada idade e ciclo de formação. Informam o que é próprio e desejável de ser aprendido pelos alunos em cada ciclo, facilitando e norteando o planejamento de cada escola. Todas as escolas da Rede Municipal receberam as Proposições Curriculares que têm o objetivo de orientar a proposta de trabalho das escolas e seus profissionais.

⁴ Relato de Marinilda Maia, professora de uma escola da Rede Municipal de Belo Horizonte e atua em classes das séries iniciais do ensino fundamental.

planejamento e avaliá-lo. Isso exige tempo e trabalho coletivo. De tempo, em geral, os professores não dispõem. A maior parte dos docentes brasileiros possui contratos de trabalho que não preveem tempos para atividade extraclasse e para o trabalho coletivo. A maioria trabalha em dois turnos, o que faz com que sejam responsáveis por um número excessivo de alunos, além de gastarem a maior parte de seu tempo fora da sala de aula com a correção de trabalhos.

Assim, quando discutimos com os professores que participam de cursos de formação continuada sobre as condições do trabalho oferecidas em suas escolas para a organização do planejamento, todos tendem a levantar vários problemas dificultadores dessa ação. Como geralmente esses problemas envolvem aspectos mais amplos, como organização coletiva do trabalho e material da escola, para evitar que essas discussões nos imobilizem diante das limitações impostas, temos sugerido, como caminho para avançar nessa reflexão, a busca de algumas alternativas possíveis.

Mas, voltando à organização das ações de planejar a prática pedagógica, sugerimos, primeiramente, garantir tempo, pelo menos, a primeira semana do ano letivo para a elaboração do planejamento. Assim, os professores poderão organizar o trabalho pedagógico. Trata-se de um período importante, deflagrador de todo o processo a ser desenvolvido durante o ano. Durante esse tempo, os professores poderão organizar um debate para tratar das metas, dos meios e dos procedimentos mais adequados para o acompanhamento e a avaliação das práticas de alfabetização e letramento a serem realizadas.

O reconhecimento dessas necessidades do trabalho docente também precisa ser encarado como elemento que mobilize uma luta pela melhoria das condições do magistério, uma vez que sua mudança é imprescindível para a realização do planejamento pedagógico. A não-alteração das condições de trabalho produz efeitos pedagógicos e políticos. Os efeitos são pedagógicos, quando, por exemplo, os professores se tornam dependentes dos livros didáticos, das orientações prescritas por outros profissionais, da reprodução de atividades isoladas se subordinam-se aos modismos metodológicos. Os efeitos são políticos quando, por exemplo, essas condições de trabalho mantêm o profissional numa condição de ingenuidade, pois não permitem que ele reflita, conheça, transforme e valorize a sua prática. A repetida dificuldade da escola em alfabetizar e letrar seus alunos pode ser reconhecida como uma das consequências sociais e políticas graves desse quadro atual de trabalho nas escolas.

Assim sendo, planejar, portanto, supõe *tempo* de atividades extraclasse, para o *trabalho individual e coletivo* de planejamento. Por isso, planejar é difícil porque envolve a articulação e o equilíbrio de diferentes fatores. Embora seja uma tarefa complexa e suponha condições, o planejamento é imprescindível para o trabalho pedagógico. Por essa razão, a seguir, discutiremos alguns procedimentos que poderão auxiliar a escola na elaboração e no desenvolvimento desse planejamento.

2.2 A IMPORTÂNCIA DA SEMANA DE DIAGNÓSTICO E DE RECEPÇÃO DAS CRIANÇAS

A primeira semana de aula é extremamente importante para alunos e professores. É um momento de passagem em que as crianças devem aprender como funciona a escola e a sala de aula. Mas é também o momento ideal para a escola fazer, sistematicamente, uma revisão de seu planejamento. Obviamente as metas de ensino já foram estabelecidas e os meios para atingi-las já foram definidos, em suas linhas mais gerais. É hora de adaptar esses meios aos alunos. Para isso, precisamos saber o que já sabem e o que não sabem ainda.

Por conseguinte, na primeira semana de aula, o professor deve estar preocupado em descobrir os conhecimentos e as habilidades que as crianças já dominam e auxiliá-las a conhecer a escola, sua forma de organização, sua estrutura espacial, seus valores e códigos (regras e rituais).

Com relação ao diretor e os especialistas, nesse período, com base nos diferentes instrumentos de diagnóstico empregados pela escola (observações, entrevistas, atividades de avaliação) é ideal para redefinição e aprimoramento dos meios estabelecidos no planejamento. Mas ressaltamos: as metas não são mais objeto de redefinição: elas já foram acordadas com a comunidade escolar.

2.2.1 Criar condições para a re-elaboração do planejamento

Realizado o diagnóstico construído na semana de diagnóstico, e, ainda, a avaliação contínua do trabalho realizado, é preciso reelaborar o planejamento, modificando-o, especificando-o, aprimorando-o. Para isso, pelo menos quinzenalmente, achamos conveniente os professores de cada seguimento se reúnam e discutam os avanços e os desafios que enfrentam com suas turmas de alunos. Esse momento é oportuno também para socializarem e planejarem atividades novas, considerando as necessidades de aprendizagem de seus alunos. Sabemos que muitas escolas, de diferentes redes de ensino, enfrentam dificuldades para a definição e o uso de horários coletivos para planejar o trabalho do dia a dia. Uma possibilidade para estabelecer tempo para isso tem a ver com o horário das aulas especializadas. Assim, se, na elaboração do horário da escola, as aulas de Biblioteca, Artes e Educação Física coincidirem, pelo menos, três professores e um ou mais especialistas poderão se reunir.

2.2.2 Decisões sobre a organização do trabalho cotidiano

O planejamento da organização do trabalho pedagógico envolve decisões sobre aspectos simples, porém, fundamentais para a construção de uma rotina de atividades que possa, efetivamente, contribuir para a aprendizagem dos alunos. Esses aspectos dizem respeito à utilização do tempo e do espaço pelos participantes da turma (alunos, professor, outros) na realização de atividades pertinentes ao programa de ensino a ser desenvolvido, dentro ou fora da sala de aula. Assim, sugerimos ao professor iniciar o planejamento de seu

trabalho com o grupo de alunos se perguntando:

- Quais atividades devem ser propostas aos alunos?
- Quando devem ser realizadas?
- Quanto tempo deve ser dedicado a cada uma delas? (Quantas vezes, em um mesmo dia? Quantas vezes por semana? Quantas vezes em um mês? Com que frequência ao longo do ano?)
- Como essas atividades devem ser desenvolvidas? (Em pequenos grupos? Individualmente?)
- Que materiais didáticos serão utilizados?

Ao responder essas questões, o professor não poderá perder de vista as particularidades e características de cada turma ou grupo de alunos. Sendo assim, a cada professor caberá, após a sondagem dos conhecimentos prévios de seus alunos, definir quais conteúdos serão ensinados de maneira a obter subsídios que suportem suas decisões sobre o quê, quando e como desenvolver certas atividades com o seu grupo de alunos.

Se, por um lado, o professor precisa estar atento às particularidades do seu grupo ao definir o planejamento de seus trabalhos, por outro, ele não poderá perder de vista a inserção de sua turma em um contexto de ensino mais amplo. Dessa forma, ele será desafiado a planejar o trabalho com seus alunos em consonância com outros professores da escola onde trabalha e de outras escolas do sistema de ensino. Enfim, a qualidade das experiências escolares vivenciadas por seu grupo de alunos deve estar em sintonia com o projeto pedagógico proposto pela escola em que atua. Atentar para essa necessidade é responder ao apelo em prol de um ensino que efetivamente possibilite o acesso de todos os alunos a práticas escolares que lhes garantam a aprendizagem dos conhecimentos que serão ensinados.

Atividade 5

Releia o texto Planejamento do ensino: objetivos, métodos e técnicas, elaborado pela professora Ana Lúcia Amaral. Nele, a autora define as dificuldades que um professor enfrenta para planejar seu trabalho quando desenvolve o que denomina pedagogia diferenciada (organizar as atividades e interações de ensino de modo que cada aluno se defronte constantemente com situações didáticas adequadas às suas necessidades de aprendizagem). Relacione o trabalho sob essa perspectiva com a necessidade de re-elaboração do planejamento pelo professor, conforme apresentamos anteriormente.

Síntese das ideias apresentadas na seção 2

A atividade de planejamento é uma tarefa complexa porque:

- possui uma dimensão individual e subjetiva que nos possibilita ou não sentir realizados com o trabalho;
- possui uma dimensão coletiva, decorrente de fatores escolares e extraescolares;
- exige tempo e trabalho coletivo para ser realizada.

É preciso criar condições para realizar o planejamento. Para isso, é possível:

- criar uma semana de planejamento; o planejamento deve estabelecer as metas a serem alcançadas e definir os meios para alcançá-las; é importante envolver os pais na avaliação do trabalho da escola e na definição de suas metas;
- criar uma semana para diagnosticar os conhecimentos dos alunos por meio de sondagens e instrumentos de diagnóstico;
- assegurar tempo necessário para a re-elaboração do planejamento, tendo em vista os resultados das sondagens e instrumentos de diagnóstico e o trabalho cotidiano de avaliação dos alunos.

2.3 PRÁTICA ORIENTADA 3

Para a elaboração de um planejamento escolar, é preciso que a escola crie condições para fazê-lo. Para isso, sugerimos: assegurar tempo para sua organização; investigar o que os alunos sabem e não sabem; modificar o planejamento em função da avaliação diagnóstica e do desenvolvimento dos alunos.

Além dessas condições, a escola precisa contar com a participação de todos os professores, coordenadores pedagógicos e familiares dos alunos para elaborar o planejamento de suas atividades. O pressuposto é que todos têm contribuições a dar e, conseqüentemente, participando dele tendem a se empenhar-se na execução do planejamento.

Entrevista

Tendo em vista esses pressupostos, entreviste a coordenação pedagógica e os professores da escola e faça as seguintes perguntas:

- De que forma a escola tem se organizado para elaborar o planejamento escolar?
- Como o planejamento escolar tem influenciado seus resultados?
- Quais são os procedimentos utilizados pela escola para a organização do planejamento anual?
- A escola define um período específico para a elaboração do planejamento anual? Em caso positivo, procure saber de que forma todos os profissionais participam desse espaço de discussão.
- Quais são as metas e os objetivos definidos pela escola para o ano letivo?
- Quais são os meios (formas de acompanhamento dos alunos, os materiais didáticos, a biblioteca, os laboratórios, etc) utilizados para alcançar as metas propostas?
- A escola se organiza para discutir, com as famílias dos alunos, as metas definidas no planejamento coletivo?

2) Se puder, faça essas perguntas juntamente com o(a) colega e procure organizá-las do seguinte modo:

- agende as entrevistas com o coordenador pedagógico e com o professor da sala de aula em que elas serão realizadas;
- registre todas as informações obtidas no Diário de Campo;
- com base em suas anotações, analise as informações obtidas, considerando: quais são os aspectos positivos da organização do planejamento da escola? Que sugestões você apresentaria para aprimorar o planejamento da escola? O que poderia ser feito de modo diferente?

3. A PARTICIPAÇÃO DAS FAMÍLIAS NO PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO DA ESCOLA

Nossa reflexão acerca deste tema começará com os dois depoimentos de professores nos quais eles mostram como se dá a participação dos familiares dos alunos no planejamento pedagógico da escola em que trabalham.

Depoimento 1

“Quando eu era professora da educação infantil, o “período de adaptação” dos alunos era um verdadeiro terror. Nas primeiras semanas de aula, os pais podiam ficar algum tempo na classe com os filhos. Tão logo tinham que sair, era um chora daqui, um berra de lá, outro que esperneia e tenta fugir, uma mãe que diz adeus aos prantos, outra que arrasta o filho sala adentro... e aqueles que estavam quietos, dá para entender que desembestassem também a chorar.

Passada esta “adaptação”, família era do portão para fora.

Salvo exceções, a escola em geral excluía a comunidade, a família e assim por diante. Na pré-escola, o mal era menor, mas quanto maior o grau de escolaridade, maior era a exclusão dos pais. Estes estavam presentes apenas quando formalmente convidados para uma festa ou reunião, e o seu empenhamento era avaliado pela escola, segundo este único momento de participação. Mas... como querer que os pais se comprometam com uma situação dentro da qual eles eram um “corpo estranho”?

Atualmente, a integração tornou-se o valor dominante. Alguns projetos, novos e já existentes, receberam contornos diferentes e envolveram a comunidade ao entorno da escola. Hoje, a qualidade da participação da família está melhor, sem dúvida. Porém, se por um lado é verdade que os projetos existem, por outro lado também é verdade que a adesão dos pais está longe do desejado. Estão mais comprometidos, mas continuam sendo considerados um “corpo estranho”. Será que o problema está nos projetos? Na competência dos professores em envolvê-los? Na recusa dos pais à participação? No sistema educativo e social que é, de per si, excludente?” (dado coletado on line)⁵

Depoimento 2

Geralmente em minha escola todos os professores e a coordenação pedagógica de cada série reúnem-se no início do ano letivo (na primeira semana de aula) para definirem o planejamento pedagógico anual. Em seguida, convocamos todos os pais dos alunos para apresentarmos esse planejamento. Esse é um momento muito importante para apresentarmos a todos qual é o trabalho que pretendemos

⁵ Disponível em: <http://www.apagina.pt/arquivo/Artigo.asp?ID=3720>

desenvolver e quais são as expectativas que temos nos nossos alunos e na própria família. O problema é que são poucos os pais que comparecem nessa reunião. As justificativas dadas por muitos deles é a falta de tempo para irem à escola. Além disso, notamos que aqueles pais que comparecem não manifestam muito interesse durante a reunião e ficam pressionando para encerrarmos depressa, dizendo que precisam ir embora. Eu acho que o problema está na forma como a reunião é organizada, pois os familiares ficam entediados e parece que não compreendem o que estamos explicando. Além disso, os pais estão acostumados a serem chamados com frequência na escola apenas para ouvirem reclamações sobre o comportamento de seus filhos. (Informação verbal)⁵

Antes, porém, de discutirmos as colocações desses professores, perguntaríamos:

- 1- Qual é o papel definido atualmente pela escola para a participação dos familiares na elaboração do planejamento?
- 2- Como poderíamos analisar os problemas de desinteresse dos familiares identificados pela professora?
- 3- Que sugestões poderíamos apresentar para resolver os problemas de desinteresse dos familiares?

Respondidas essas perguntas, então, no primeiro depoimento, verificamos que a inserção da família na escola ocorre com mais frequência em alguns seguimentos de ensino do que em outros. Geralmente, essa inserção é mais frequente nos primeiros anos de escolaridade e vai diminuindo (e ficando mais tensa e conflituosa) à medida que a idade dos alunos vai aumentando. Por isso, muitos professores relatam que a relação dos familiares com a escola fica mais circunscrita ao tratamento dos problemas de comportamento e de indisciplina dos alunos.

Já a situação descrita pela professora Gilda revela como a participação da família nas decisões pedagógicas da sua escola não é uma tarefa simples. Está relacionada a outros problemas com disponibilidade de tempo das famílias, interesses para com os temas curriculares, entre outros.

Por todas essas razões, não podemos desconsiderar a importância de a escola promover integração dela com a comunidade a qual pertencem seus alunos. Projetos político-pedagógicos vêm insistindo nessas relações de mão dupla, democratizando canais de comunicação e abrindo espaço institucional à participação de pais ou responsáveis pelos alunos. Como vimos, o primeiro depoimento chama a atenção exatamente para a importância desse aspecto, embora também a professora comente, as dificuldades da escola para envolver os familiares em seu projeto pedagógico.

A propósito, nos cursos de formação continuada que desenvolvemos em todo o país, outros professores têm relatado as dificuldades e resistências que enfrentam para relacionarem-se com familiares de seus alunos. Muitos professores têm manifestado

⁵ Entrevista com Gilda, professora de escola pública de Belo Horizonte

grande perplexidade ao trabalhar com um grupo cada vez mais diversificado de alunos. Argumentam que *“há alunos que não apresentam as condições mínimas necessárias ao aprendizado deles esperado”* ou *“não recebem nenhum tipo de suporte de seus familiares para as atividades escolares”*.

Afinal a democratização do acesso à escola trouxe para dentro da instituição escolar não só grande pluralidade de grupos sócio culturais, mas também, alunos pertencentes a famílias que vivem em situação econômica precária, como a maior parte da população brasileira, ou que vivem em áreas de risco. Assim, se, por um lado, nos aproximamos do ideal de universalização do acesso à escola, por meio da ampliação do número de vagas nessa instituição social, por outro, deparamos, nas últimas décadas, com o desafio de atender, adequadamente, aos diferentes grupos sociais que passaram a fazer parte de nossas salas de aula. E, então, como garantir o acesso desses alunos não somente ao espaço físico da escola, mas também a bens culturais, como a leitura e a escrita, ou ao amplo contexto de letramento?

Os estudos sobre as razões do fracasso escolar – cuja incidência é maior nas camadas populares – assinalam duas ordens de fatores que influenciam o desempenho dos alunos: fatores intraescolares e extraescolares. Os primeiros referem-se às condições socioeconômicas e às características culturais apresentadas pelos alunos. Os fatores intraescolares referem-se às formas de organização do trabalho pedagógico e das atividades desenvolvidas pelos profissionais da escola, em sala de aula ou em outros espaços institucionais.

Esses fatores podem influenciar positiva ou negativamente o desempenho escolar dos alunos. Obviamente, a ação isolada da escola não pode transformar os fatores socioeconômicos que criam obstáculos à participação e à integração de alunos que vivem em condições indesejáveis e, muitas vezes, de exclusão social. No entanto, é necessário que busquemos formas alternativas de organização do trabalho escolar que favoreçam o acesso desses alunos aos conhecimentos e às práticas sociais que a escola visa socializar.

Diferentes pesquisas têm demonstrado que as expectativas dos professores e demais profissionais da escola a respeito das possibilidades de aprendizagem dos seus alunos, bem como julgamento dela sobre o tipo e a qualidade de participação da família no acompanhamento escolar de suas crianças têm influência direta nos resultados obtidos por esses alunos.

A atitude positiva ou não positiva diante das diferenças culturais ou das dificuldades advindas das relações de nossos alunos com suas famílias tem implicações sérias na construção de oportunidades de aprendizagem no ambiente escolar, e, conseqüentemente, na aprendizagem dos alunos.

Entretanto, o planejamento das atividades escolares tem como ponto de partida o atendimento das crianças de acordo com suas características e necessidades concretas. Essa é uma razão importante para nos indagarmos o que realmente conhecemos de

nossos alunos, e suas famílias, ou melhor, de sua bagagem cultural e suas possibilidades de aprendizagem dentro da escola. Dessa forma, poderemos organizar as atividades de ensino de forma a explorar os recursos, experiências e conhecimentos trazidos pelo aluno e sua família. Daí, poderemos propor novos conhecimentos atentando para limitações que precisam ser superadas com recursos criados no interior da escola.

Advertimos, porém, que, no decorrer da prática pedagógica, a relação entre a escola e a família deve ser cuidadosamente observada na organização do trabalho escolar, bem planejada para ser implementada. Para tal, devemos avaliar como interagimos com as famílias de nossos alunos, que espaço reservamos no interior da escola, para dar-lhes informação sobre a vida escolar de seus filhos ou sobre a expectativa da escola em relação à participação delas no processo de ensino-aprendizagem da criança. Nessa perspectiva, sugerimos, a seguir, algumas questões que poderão orientar a avaliação dessa relação na escola (neste caso, a escola em que o aluno está realizando o estágio). Essas questões são importantes para a identificação das alternativas nas relações implementadas pela escola visando a relação entre os atores do processo educacional bem como das limitações para tal. Nessas questões, três temas são focalizados: (i) as formas de acolhimento dadas às famílias; (ii) as formas de atendimentos; (iii) abertura da escola à comunidade.

- Professores e alunos desenvolvem atividades pedagógicas (projetos, oficinas, excursões, exposições) visando ao conhecimento do local onde vivem, dos problemas e recursos disponíveis nesse contexto e dão espaço aos dos familiares dos alunos para expressarem suas habilidades?
- A escola promove eventos de confraternização, comemoração ou celebração, contando com a participação ativa da comunidade escolar (gincanas, festas juninas, bailes, festas para mães, pais, formatura, entre outras)?
- A avaliação inicial desses tópicos ou itens poderá orientar a reflexão e registros das práticas de interação entre a escola e as famílias dos alunos, subsidiando o redimensionamento do projeto político pedagógico da escola no que concerne às suas relações com a comunidade.

4. CONCLUSÃO

Neste texto, procuramos mostrar a importância da organização do planejamento pedagógico como competência que deve ser dominada e desenvolvida pelos profissionais que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental. A proposta teve como foco articular pressupostos teóricos com as práticas das escolas, enfatizando os princípios didáticos que envolvem a organização das atividades diárias do trabalho docente.

Quanto às práticas orientadas propostas ao longo deste texto, foram apresentadas como um repertório de possibilidades de investigação e de aprofundamento disponíveis à formação do docente. Para desenvolvê-las, é importante prever um tempo adequado de permanência na escola. Contudo, a meta mais relevante para este estudo é a análise dos dados coletados na escola em questão, de forma crítica e reflexiva. Somente assim, o aluno poderá compreender melhor cada temática de estudo e propor algumas alternativas aos desafios encontrados no contexto de ensino.

Pretendemos, ainda, dar continuidade às discussões iniciadas anteriormente e, ao mesmo tempo, encaminhar questões que se desdobrarão em outros textos, igualmente voltados para os princípios metodológicos que devem estar presentes nas práticas pedagógicas dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Assim, a articulação dos temas tratados ao longo das Práticas Pedagógicas Orientadas constitui um conjunto de pressupostos teóricos e metodológicos essencial à formação continuada do futuro professor, na perspectiva de desenvolver as competências necessárias para uma atuação profissional autônoma e reflexiva.

4.1 PRÁTICA ORIENTADA 4

Atividade 7

Entrevista

Nesta última seção, você deverá buscar informações sobre a participação da família dos alunos na prática pedagógica desenvolvida pela escola. Para levantar dados sobre esse tema, apresentamos, abaixo, três tópicos, acompanhados de questões que procuram abordar alguns aspectos sobre as formas de a escola se relacionar com os familiares.

Se for possível, procure levantar pontos de vistas diferentes sobre esses tópicos. Para isso, seria interessante que diferentes sujeitos fossem entrevistados, como, por exemplo: a coordenadora pedagógica, o professor, um aluno e seus pais. Mas, todos devem estar envolvidos com o trabalho pedagógico da mesma sala de aula.

Após responderem às questões abaixo, fique atento para identificar os pontos de vistas convergentes e divergentes. Analise-os, considerando as justificativas que os entrevistados apresentaram e, ao final, proponha alguma alternativa para aperfeiçoar essa relação.

A síntese de suas conclusões deve ser registrada no seu portfólio.

Tema 1

1- Sentimento de acolhimento no interior da escola

Questões relativas ao tema 1:

- Os alunos, pais e outras pessoas da comunidade gostam de estar na escola?
- Qual a motivação mais frequente para convocação da presença dos pais na escola? São chamados apenas para comunicação de conflitos e dificuldades de aprendizagem dos filhos ou também para obter retorno sobre seus progressos e avanços?
- A escola apresenta abertura a demandas particulares dos pais, isto é, do seu interesse em conhecer o funcionamento, a estrutura, e o projeto pedagógico e as condições de aprendizagem dos seus filhos?

Tema 2

2- Condições para o atendimento aos pais dos alunos

Questões:

- É possível encontrar, na escola, um espaço reservado para receber um pai, uma mãe, ou um(a) aluno(a) para uma conversa particular?
- Pais e alunos que chegam para fazer matrícula, pedir informações, saber sobre o desenvolvimento dos seus filhos são atendidos com atenção e respeito?
- Os pais e as mães participam ativamente das reuniões sobre a vida escolar dos alunos? São representados nos Conselhos de Classe ou de Ciclo?
- A escola cria horários alternativos de atendimento aos pais quando eles não têm disponibilidade de comparecer às reuniões?
- Nas reuniões de pais, são dadas informações sobre o trabalho desenvolvido na escola, os objetivos, tipo de atividades e como são realizadas pelas crianças (isto é, informações sobre o que e como os alunos estão aprendendo)?
- Nas conversas com os pais dos alunos, os professores apresentam sugestões para os pais ajudarem seus filhos em casa, de forma coerente com as reais possibilidades deles (isto é, como os pais podem acompanhar o estudo de seus filhos, demonstrar interesse, etc.)?

Tema 3

3- Abertura da escola aos pais e à comunidade

- A escola se relaciona, de forma democrática, com os membros da comunidade, isentando-se de discriminações em relação a diferenças econômicas, culturais, étnico-raciais ou aos portadores de deficiências?

- A escola cria estratégias alternativas de comunicação com pais ou responsáveis analfabetos (explicitando, com clareza, critérios para planejamento de atividades e para avaliação e progressão dos alunos)?

Atividade 8

Refaça o percurso experimentado neste texto e anote, como conclusões finais, em seu Diário de Campo:

- O que contribuiu para sua formação e para o aprimoramento de suas habilidades de estudo individuais ou em grupo?
- Como você se posiciona diante dos desafios enfrentados pela escola para organizar o planejamento pedagógico?
- Caso lhes fossem solicitadas, que sugestões apresentaria para a escola para aprimorar a ação de planejar a prática pedagógica?
- Quais são as competências necessárias para desenvolver o planejamento de forma autônoma e segura?

5. REFERÊNCIAS

AÇÃO EDUCATIVA, UNICEF, PNUD (Coord.). Projeto *Indicadores Populares de Educação*: reforçando a qualidade da Escola (versão preliminar). São Paulo, 2003.

AMARAL, Ana Lúcia. *Planejamento do ensino: objetivos, métodos e técnicas*. Coleção Veredas: Guia de Estudo. Módulo 6, v1. Belo Horizonte, Secretaria de Estado da Educação, 2002.

_____. *Planejamento em educação*. Coleção Veredas: Guia de Estudo. Módulo 5, v4. Belo Horizonte, Secretaria de Estado da Educação, 2002.

CEALE. *Orientações para a organização do Ciclo Inicial de Alfabetização: Planejamento da Prática de Alfabetização*. Volume 3. Belo Horizonte, UFMG, 2003.

GONÇALVES, Francisca dos Santos. *Repensando a relação entre educação, família e sociedade*. Coleção Veredas: Guia de Estudo. Módulo 1, v. 1. Belo Horizonte, Secretaria de Estado da Educação, 2002. p.130-164.

LEITE, Lucia Helena Alvarez. *Planejamento em ação: os desafios da intervenção pedagógica*. Coleção Veredas: Guia de Estudo. Módulo 6, v2. Belo Horizonte, Secretaria de Estado da Educação, 2002. p. 161-182.

SANTOS, Lucíola de Castro Paixão. *Diferentes formas de pensar as relações entre família, escola e sociedade*. Coleção Veredas: Guia de Estudo. Módulo 1, v. 4. Belo Horizonte, Secretaria de Estado da Educação, 2002. p. 161-182.

VEIGA, Ilma P. Alencastro; Fonseca, Marília. *As dimensões do projeto político-pedagógico: novos desafios para a escola*. Campinas: Papirus, 2001.





ESTUDO COMPLEMENTAR

Sacristán, J. Gimeno et Gómez, A.I.Pérez. capítulo 9. Âmbitos do plano. In. Compreender e transformar o ensino. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ISBN 978-85-8007-030-9



O Curso de Pedagogia UAB UFMG proposto pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais visa à formação inicial de professores para a Educação Infantil e os quatro anos iniciais do Ensino Fundamental. Trata-se de um curso a distância, com momentos presenciais, desenvolvido pela UFMG em parceria com prefeituras de municípios onde foram criados os Pólos Municipais de Apoio Presencial, nos moldes definidos no Edital SEED/MEC no 1/2005, de 16 de dezembro de 2005.

O curso de Pedagogia UAB UFMG tem como referência o curso Veredas – Formação Superior de Professores, oferecido a professores da 1ª à 4ª série do ensino fundamental, em exercício nas redes públicas de Minas Gerais. O curso foi considerado, por educadores e entidades educacionais de renome, como inovador, tanto na concepção de formação de professores quanto na organização e dinâmica de gestão.

O Curso de Pedagogia UAB UFMG foi organizado na forma de um curso de graduação plena, distribuído em oito módulos, com duração prevista de quatro anos. Habilita para o exercício do magistério na educação infantil e nos quatro primeiros anos do ensino fundamental, de acordo com os requisitos contemporâneos para os profissionais da área de educação e as determinações legais vigentes no Brasil.

